

Clinica do encontro das organizações de massa com o sujeito da neurose.

Do ponto de vista da *psicologia das massas*, o operador de socialização que chamaremos de complexo paterno, funda a relação do sujeito às instituições (no sentido freudiano : igreja e exército). Produto do assassinato do pai primitivo, esse complexo é o coração das neuroses. A análise desse complexo indica a potência da nostalgia do pai, que produz neuróticos devotos durante o dia, mas que chegada a noite, esses sujeitos do inconsciente repetem o gesto parricida nos sonhos, para retomarem sua devoção, sob à luz do dia. Em outras palavras, são sujeitos neuróticamente submetidos à idealização de seu líder (religioso, político, ou outro).

Daí, a boa ideia de Freud (e de Ferenczi) de tomar a demolição da imago paterna como eixo essencial da análise. O sacrifício também está do lado das mulheres, quando obram para sustentar a imago de um pai impotente, arriscando a recondução de uma posição social neurótica que é igualmente de sacrifício. Essa teoria da neurose fundada por Freud ecoa em Lacan, onde percebemos a alienação neurótica como efeito, não diretamente da figura do pai de família, nem mesmo do pai de Totem e tabu, mas do sujeito suposto saber.

Aqui, a abolição desse sujeito suposto saber é uma das condições da cura analítica, para abertura de uma via de saída da neurose, a travessia do fantasma¹. Mas sejamos simples, a queda do pai, ou a do sujeito suposto saber que deve ser experimentado em toda análise, decorre notoriamente do encontro do sujeito neurótico com a incompletude do psicanalista.

E se uma vez liberto dessa dominação do pai (ou de sua versão lacaniana), o analisando razoavelmente desfeito de sua neurose, pode se voltar para a posição de analista, vê-se frequentemente uma recomposição acelerada de alguma figura de autoridade encarnando o sujeito suposto saber, não mais em seu próprio psicanalista, mas na figura do líder das grandes associações psicanalíticas, em grande parte estruturadas como massas freudianas. Uma submissão atualizada, principalmente visível nas proibições e as obrigações no pensamento, que motivam a repetição da doutrina proferida pelo líder.

Para amenizar o efeito mórbido da retomada da neurose na associação psicanalítica que tampona a falta no Outro, Espace Analytique escolheu constituir uma massa sem um líder verdadeiro, nem uma única opção teórica.

Por isso, a pluralidade das teorias nesse espaço, que não repele o encontro com a castração do Outro, seja na análise, ou nos grupos de analistas e mais geralmente nas massas freudianas que constituem as sociedades ocidentais. Sociedades, que no leque ideológico da atualidade política, emerge um ideal nacionalista e autoritário que produz a ilusão de um Outro completo.

O que fazer?

Acreditamos que o psicanalista pode e deve intervir na cidade para afirmar o bom fundamento da estratégia desenvolvida pela associação, e principalmente, expressar por ela nossa recusa do nacionalismo nessa conjuntura política. Tanto quanto afirmar assim essa postura cidadã, trata-se claramente de uma posição de psicanalista, colocada no campo do político.

Não excluimos o encontro com a descompletude do Outro na experiência da cura

¹ Ver M. Zafiropoulos : Les Mythologiques de Lacan : la prison de verre du fantasma *Edipe, Le diable amoureux*, *Hamlet* ; Ères poche , Toulouse, mai 2017.

analítica, e Optamos pelo encontro com a descompletude do outro na associação, seguimos com essa escolha para a associação e logo, além dela. Nossa escolha é a mesma na dimensão da política, que pretende suturar essa descompletude idealizando um líder, ou ainda com a oferta de uma idealização identitária (como a de ser francês, ou brasileiro) e que não combina de modo algum com a desidentificação proposta pela experiência psicanalítica. Esse posicionamento político declarado abre para o debate em nosso campo, especialmente sobre a opção de neutralidade (sem dúvida) cuidadosa oriunda de um ideal clássico da psicanálise inspirada na posição que o psicanalista deve tomar frente ao mal-estar na cultura.

Mal-estar que atualizamos incessantemente sua análise independentemente da posição ética a tomada no campo político. Uma posição que, do nosso ponto de vista, deve ao menos se opor à ilusão de um Outro completo e logo, contra o chamado ao pai, que se deduz frequentemente demais do diagnóstico do *declínio do pai*², artifício teórico das opções mais autoritárias do campo político na atualidade. Campo onde encontramos as posições desses, que nos anos 1930³, defendiam revoluções conservadoras e se manifestavam contra o que se chamava naquela época de declínio do ocidente.

Markos Zafirooulos, Psychanalyste Membre d'Esace Analytique (AME (a)).

² Sobre esse tema, M. Zafirooulos , *Du père mort au déclin du père de famille : où va la psychanalyse* , PUF , Paris, 2014

³ Na Europa como na América Latina.